



REPTO AOS SONHADORES DAS DIFERENÇAS: ESCOLHA À VONTADE QUAL É A IMAGEM PORTENHA E QUAL A VERDE-AMARELA

HISTÓRIAS DA PERIFERIA

Unidos pelo churrasquinho de gato

Ninguém avisou a Argentina do risco de se transformar no Brasil, mas foi isso que aconteceu

EM MAIO DE 1996, UMA MATÉRIA EM *CARTACAPITAL* Nº 24, "Diálogo em torno de um prato de gato", exemplificava como as condições de vida na Argentina ainda eram bem melhores que as do Brasil.

Ao ilustrar os efeitos da recessão resultante do efeito tequila - que havia levado o desemprego a 18,4% -, um programa da tevê argentina mostrava favelados caçando gatos para comer. O resultado foi uma comoção nacional, acompanhada de reações de incredulidade. Houve até quem acusasse a emissora de ter montado uma fraude para ganhar audiência. Mas seria preciso mencionar que, no Brasil, o churrasquinho de gato já era uma velha tradição que não chamava a atenção de ninguém.

Seis críticos anos depois, infelizmente, também na Argentina esse passou a ser um costume arraigado. O jornal *Página/12* de 6 de junho fez uma extensa reportagem entre os alunos da escola 65 do Lapi, um bairro pobre do distrito de Quilmes, a poucos quilômetros da Casa Rosada, onde 90% dos pais estão desempregados ou subempregados.

Há alguns meses, a situação ainda parecia suportável: a merenda escolar era substancial e os pais ainda se atreviam a convidar quem aparecesse para um pão ou um mate. Com os preços em alta e a verba congelada, as crianças passaram a receber na escola apenas um bolo doce e um copo de leite. Em casa, não há nada. Um morador explicou ao repórter como aprecia gato cozido a fogo lento, com alho.

Mas os gatos praticamente já desapareceram das ruas e as crianças estão caçando ratos, sapos e ras. Até os cavalos que puxavam as carroças dos garrafeiros e catadores de papel estão sendo abatidos. Desta vez, ninguém se espanta: o prefeito reconhece que o problema existe ali e em outros distritos, mas não tem recursos para resolvê-lo.

Os índices macroeconômicos confirmam que o caso não é excepcional. O desemprego está em 25,4%. A renda per capita caiu de US\$ 8.380 em 1996 para cerca de US\$ 2.100, ou 7.500 pesos. Pesquisa da própria Presidência da República mostrou que 51,4% da população está na pobreza (renda familiar inferior a 626 pesos) - contra 12% no início da década de 90 - e 22% chegaram à indigência (abaixo de 266 pesos). O salário médio hoje é de 569 pesos e o mínimo é de 200 pesos.

Se esses números parecem vagamente familiares, não é por acaso. No Brasil, o número de indigentes foi estimado em 22% e o de pobres em 45% (FGV-PUC). A renda per capita está em US\$ 2.600 ou R\$ 7.200, o rendimento médio mensal dos economicamente ativos com rendimentos é de R\$ 552 (PNAD, 1999) e o salário mínimo é de R\$ 200.

Houve tempo em que os argentinos se orgulhavam de haver mais livrarias em Buenos Aires do que em todo o Brasil. Hoje são 700 livrarias em toda a Argentina (uma para 52 mil habitantes) e 2 mil no Brasil (uma para 87 mil).

O peso vale hoje cerca de R\$ 0,77 segundo a taxa de câmbio. Talvez seu poder aquisitivo efetivo ainda seja um pouco melhor que o do real - é difícil avaliá-lo no atual clima de volatilidade. Parece claro que a diferença entre as rendas per capita reais dos dois países é hoje menor que 20%, mas é difícil dizer qual está na frente.

Nestes dias, vários economistas e investidores advertem o Brasil de que corre o risco de se tornar uma Argentina se mudar de rumo. Nenhum deles avisou a Argentina de que se transformaria no Brasil se insistisse nesse mesmo caminho. A ponto de o governo de Fernando De La Rúa ter corrido o risco de subornar senadores, o que acabou por comprometer sua credibilidade e desencadear a crise, apenas para seguir a recomendação de flexibilizar o mercado de trabalho. ■